

O teatro sem máscaras das meninas Truká

The unmasked theater of the Truká girls

Loreley Gomes Garcia¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v18i36.509>

Resumo: No Brasil, após 500 anos de colonização, as populações tradicionais no sertão pernambucano ainda são vistas como descendentes, caboclos, não legítimos indígenas, como os povos da Amazônia ou Cerrado. Mas se percebem como índios e lutam para manter-se como tal. Esse artigo é resultado de uma pesquisa desenvolvida na Ilha Assunção, no do Rio São Francisco, em Cabrobó, onde se construiu a obra da transposição do rio. Nessa região conhecida como o Polígono da Maconha, vive a tribo Truká, ameaçada pelo tráfico, a construção de usinas e a transposição. Pretendemos demonstrar como as jovens indígenas assumem um protagonismo na luta pela manutenção da terra e a preservação da identidade étnica através do teatro. Destacamos a forma como superam as normas tradicionais de gênero com a resistência política e a arte de representar.

Palavras-chave: tribo Truká; justiça ambiental; agência das jovens; autodeterminação; performance teatral.

Abstract: In Brazil, after 500 years of colonization, traditional people from Pernambuco's hinterlands are considered as "caboclos", would not be legitimate Indians like those of the Amazon or Cerrado. But they see themselves as Indians and struggle to keep themselves as such. This article is the outcome of a study developed in the São Francisco River area, hinterlands in Northeast of Brazil, where construction for the transposition of the river has been taking place. It is in this same area, known as the Marijuana Polygon, place of danger due to the violence imposed by drug dealers, that the Truka tribe lives, threatened by the construction of plants and by the transposition. We intend to demonstrate how the youth play a protagonist role in this struggle for their land keeping and for their ethnic identity preservation through theater.

Keywords: Truká tribe; enviromental justice; girl's agency; self-determination; theatrical performance.

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil.

1 INTRODUÇÃO

1.1 O processo de colonização da Ilha e dos Truká

Desde o início da colonização brasileira, o sertão foi alvo de interesse dos empreendimentos portugueses. Inicialmente situados no litoral, aos poucos eles foram adentrando as terras explorando possíveis rendimentos econômicos. No sertão, os colonizadores encontraram povos que habitavam essas terras e se confrontaram de diversas formas, escravizando, explorando a mão de obra, guerreando e exterminando etnias inteiras ou promovendo aldeamentos de religiosos católicos, exterminando sua cultura.

Em 1556, as missões seguiram para o interior através dos “descimentos. Foi nesse contexto que se deu a ocupação colonial do sertão do Rio São Francisco, marcada pela exploração da pecuária e a formação de aldeamentos indígenas em torno de ações missionárias. O litoral foi ocupado com grandes plantações de cana de açúcar e processamento nos engenhos, ao sertão coube o fornecimento de carne, gado para tração e mão-de-obra indígena escrava. Assim, a região do Rio São Francisco foi cenário de intensos conflitos entre “curraleiros” e missionários em torno dos aldeamentos.

De acordo com Batista (2005), na Missão de Rodelas, fundada em 1679, no sub Médio São Francisco, viviam os Tapuias-Cariris, ocupando a ilha do Pambu, atualmente Ilha Assunção, estando os Truká na margem esquerda do rio, em Pernambuco; e os Tumbalalá, na margem direita, na Bahia.

O “aldeamento da Assunção” formou-se por volta de 1722, na ilha de Pambu, habitada por famílias indígenas vivendo da pesca, da caça e do cultivo da terra. A decadência do ciclo do açúcar no litoral, afetou o comércio de gado na região e diminuiu o interesse colonizador, com isso seus habitantes conheceram um período de maior autonomia nas aldeias.

Posteriormente, os decretos da metrópole portuguesa, de 1755, culminam na extinção das ordens missionárias no Brasil, visando integrar os índios à sociedade brasileira, permitindo o casamento inter-racial e a administração de suas terras.

O século XIX, período do Império Brasileiro, foi marcado por conflitos de terra entre índios e não índios, atuando o Estado como mediador sempre desfavorável aos direitos dos primeiros.

O século XX seria atravessado por diversas interferências na questão da posse e uso das terras. Foi em 1920, que um bispo afirmou que as terras da Ilha de Assunção pertenceriam à Igreja e tratou de vendê-las aos fazendeiros da região que adotaram a cobrança de impostos pelo seu uso. Esse século, marcado por empreendimentos, trouxe em seu bojo, projetos afins de desenvolvimento para consolidação do Estado-Nação, entre eles está a construção de diversas hidrelétricas ao longo do Rio São Francisco. Os projetos desenvolvimentistas estão permeados por uma visão da natureza entendida como recurso a ser explorado, um aporte necessário para a afirmação da economia. Esses projetos acarretaram a dispersão das comunidades tradicionais.

Os Truká permaneceram em contato com a sociedade regional por mais de trezentos anos. Hoje, possuem uma população aproximada de 6.065 pessoas vivendo no município de Cabrobó, em território que compreende a Ilha Assunção e oitenta ilhotas no rio São Francisco.

Em 1967, durante o regime militar, foi criada a FUNAI (Fundação Nacional de Assistência ao Índio), que passou a interferir na forma de organização tradicional do povo Truká: “impondo uma cultura de hierarquia, se sobrepondo a forma de organização social do povo”. A FUNAI criou o Conselho Tribal, interferindo na escolha do Cacique, estabelecendo para isso, dois critérios arbitrários: ser mais velho e ser do sexo masculino.

A ideia imposta pela FUNAI não seguia a mesma lógica de organização social que tinha nosso povo, uma vez que nossos líderes eram escolhidos pela Natureza, obedecendo às seguintes orientações: ser de famílias tradicionais; ser participativo do Toré² e no Particular³; ser referendado pelos Encantos. (ORGANIZAÇÃO DOS PROFESSORES INDÍGENAS TRUKÁ [OPIT], 2007, p. 31).

Em meio aos conflitos pela terra e as interferências do Estado, com suas políticas desenvolvimentistas de proteção/submissão dos povos indígenas, o povo Truká desenvolveu uma história de luta e resistência nas primeiras décadas do século XX, com revelações dos “Encantos de Luz⁴”, e inicia o movimento de luta pelas terras e ações das lideranças.

² O Toré é um ritual sagrado no qual se fortalecem, recebem orientações dos Encantados, bebem o chá da jurema (plantas psicoativas dos gêneros Mimosa, Acácia e Pithecelobium), que purifica e dá sabedoria. Dançam o Toré nas batalhas, nas retomadas, no luto e nas práticas religiosas.

³ Ritual secreto.

⁴ Espíritos dos Antepassados.

A narrativa Truká afirma que, entre as décadas de 1930 e 1940, os Encantados ensinaram sobre o povo Truká e sua “ciência”. As revelações dos “Encantos” se deram através do ritual do Toré e de sonhos que permitiram às lideranças iniciarem uma nova fase de luta pela reconquista das terras.

A posse definitiva das terras e o reconhecimento por parte do Estado só viriam em 1990, após diversas ações organizadas pelos Truká, as chamadas Retomadas, ocupações de porções de terras, originalmente pertencentes ao povo, para pressionar pela sua legalização. As Retomadas são instrumentos não apenas de reivindicação da terra, mas também de afirmação da identidade étnica. Entre 1981 e 2007, foram realizadas cinco Retomadas. A mais recente foi em 2007, contra a imposição do governo de realizar a transposição do Rio São Francisco.

O projeto de transposição das águas do rio, empreendido pelo Ministério da Integração Nacional, consiste na construção de diques de escoamento das águas em direção ao sertão, com o objetivo de combater a seca no semiárido. O início dessa obra localiza-se na fronteira com a terra Truká, próxima à Ilha da Assunção. Trata-se de um projeto na esteira desenvolvimentista que pretende explorar a natureza enquanto recurso econômico e impacta as comunidades locais de forma agressiva e inconsequente, a ele associa-se a construção das Hidrelétricas de Pedra Branca e Riacho Seco. O projeto causou fortes impactos na população local quando trouxe um grande afluxo de trabalhadores e o exército.

A obra da transposição do São Francisco é alvo de interesse da sociedade brasileira, envolve pesquisadores, imprensa, movimento ambientalista, comunidades tradicionais e governos envolvidos. Os críticos do projeto alegam que a água será retirada de regiões onde a demanda por água para uso humano e dessedentação animal é maior do que a demanda da região de destino e, que a finalidade última dessa obra seria disponibilizar água para a agroindústria e a carcinicultura.

A obra ainda em execução, após 11 anos, percorrerá 700 km, perfurando túneis e formando barragens. É uma obra difícil, para a qual não se dispunha de tecnologia, utilizando técnicas ainda em pesquisa. Mas, mesmo sem tecnologia adequada e com inúmeras interrupções e críticas, a obra prossegue.

A Retomada contra a transposição, em 2007, foi reprimida pelas polícias militar e federal. Os Truká, em contrapartida, protestaram dançando um Toré no

meio da rodovia. Foi nesse momento que a juventude percebeu a necessidade de participar da conquista das terras para poder viver e trabalhar.

Os acontecimentos recentes, os projetos impactantes do governo e a continuidade da luta através da Retomada são indicadores de que a história de luta pela terra, pelo reconhecimento político e direito e autonomia do povo Truká, desde os tempos coloniais, se atualiza frente à imposição dos projetos governamentais que fomentam conflitos e a resistência heroica do povo que insiste em viver como tal.

O modelo analítico da teoria da aculturação para estudar comunidades indígenas sugeria a existência de três fases: esplendor (antes do contato), aculturação (contato) e decadência (atualidade). Mas pesquisas demonstram que tal configuração está equivocada e que esse paradigma está superado. Os confrontos e transformações sociais, culturais e econômicas nos levam a considerar a existência de um “processo social” de longa duração que fornece pistas para interpretar instituições, ações e narrativas que orientam a organização desses grupos na atualidade.

Os Truká situam-se num contexto de relações interétnicas, nas quais percebem-se as dinâmicas das etnicidades no interior de um universo marcado pelos conflitos com os projetos de desenvolvimento. Compreendemos que a identidade Truká se constrói dinamicamente em um duplo processo, o confronto com a alteridade (TAUSSIG, 1993), a realidade externa, mediada pelos conflitos, com parceiros (movimento quilombola, sem-terra, ONGs e universidades) – e, por meio de processos internos de resgate dos mitos, ritos ou práticas que atualizam as vivências históricas de resistência para manter a autonomia da cultura e da territorialidade.

1.2 O protagonismo da juventude Truká

Considerando o arco temporal situado entre o início das obras de Transposição do São Francisco, simultâneo à última Retomada iniciada em 2007, a juventude indígena que participou desse momento continua atuante no movimento pelos direitos indígenas. Os jovens juntaram-se às lideranças e exerceram um papel fundamental no movimento.

Por ocasião dessa Retomada, os Truká contavam com a Organização da Juventude Indígena Truká (OJIT), que deu lugar a organização da juventude em torno do Grupo de Teatro.

A OJIT criou o Grupo de Teatro como uma forma de interação e transmissão de conhecimento sobre identidade indígena e meio ambiente. Esse grupo milita junto às lideranças com relação à luta pela terra, tem papel ativo nas discussões e realiza apresentações sobre a importância de ser índio e sobre os problemas ambientais que existem na ilha.

O Grupo de Teatro mobiliza os interesses dos jovens pela diversidade dos temas abordados, a possibilidade de conhecer lugares e pessoas, viajando para participar de oficinas e encontros com outros grupos de jovens.

Existe integração entre a escola e a participação no Grupo de Teatro, os horários dos estudos estão conciliados com a participação dos jovens no teatro para não atrapalhar o desempenho escolar.

Através do teatro, tentam expressar valores contrários à competição, rejeitam quando alguns querem ser “mais” que os outros. O teatro serve como modelo para uma sociedade melhor.

Perguntamos a Marizeira (15 anos, estudante) se os jovens da aldeia são muito diferentes dos demais:

Com certeza! Nós temos a nossa cultura, nós dançamos o Toré... Nós temos o banho do rio. Tudo isso que é diferente da cidade. A cultura deles é diferente da nossa. Ao levantar, a gente aqui escuta o barulho dos pássaros, é diferente.

Muitos jovens, ao se graduarem, tornaram-se professores indígenas na própria comunidade, participando da Organização dos Professores Indígenas Truká (OPIT). O protagonismo social dessa organização é evidente.

Maurílio, jovem professor indígena, coloca:

Sou Truká, sou indígena e luto pelo que acredito, porque isso brota como raiz, não vem de agora, não surgiu ontem, vem de muitos anos. A luta do próprio povo faz a gente acreditar mais, se eu morrer hoje eu morro feliz, lutando pelo que acredito. Nossa luta é incansável, não para tem continuidade. Nós damos continuidade a muitos que já viveram e fazemos permanecer sua memória. A memória do passado faz que possamos ser reflexo da juventude de amanhã, dar continuidade e fazer que a juventude futura saiba que hoje nos preocupamos com eles e guardamos a memória do povo do passado.

Sobre os encantos, explica:

Os Encantos de luz são as luzes que temos, algo difícil de explicar devido a nossa privacidade. São eles que fazem a gente acreditar na força da água,

na força do ar, das matas, da terra, na força da natureza. Acreditamos que os Encantos vêm nos dizer o que é bom para o nosso povo e o que não é. Nos momentos de rituais de Toré, eles nos confirmam, nos avisam, nos comunicam o que pode acontecer com nossa aldeia. Nos previnem quando devemos nos recolher, ter cuidado também. Isso são os nossos Encantos. Acreditamos na força da natureza e isso nos traz confiança, a crença no que eles nos trazem nos sonhos quando vem até a gente.

Os Encantos associam-se ao rio, às questões ambientais, mas principalmente à cosmologia da cultura indígena. O catolicismo mistura-se com a cultura indígena. Entendem que não precisam abdicar de nenhum dos dois, pois a mística indígena e a católica se complementariam.

Maurilio prossegue:

Quando a gente vai fazer o Toré ou precisa pegar água, temos que pedir licença à Mãe d'água, temos ela como dona das águas, temos que ter permissão para nosso próprio bem também, sem precisar dizer nada, só respeitar. Respeitar a natureza como a jurema, que para gente é muito forte, a nossa história começa na jurema, a história dos Truká, quando nossas lideranças, os anciãos retiraram a folha jurema para fazer chá e usavam para curar as enfermidades, no ritual pediam licença às matas, nós pedimos licença para retirar as folhas.

2 AS JOVENS E AS RELAÇÕES DE GÊNERO: “ISSO NÃO É SERVIÇO PRA HOMEM”

Avaliando as produções sobre a Amazônia indígena, Lasmar (1999) ressalta a invisibilidade da mulher indígena, em parte por causa da antropologia, voltada para as atividades e as narrativas masculinas; e por fatores internos dessas sociedades, pois a distribuição social e espacial dos papéis sexuais, relegaram-nas à atividade doméstica, dando aos homens a função do contato com os estrangeiros. No final dos anos 1980, as pesquisas renovaram estudos sobre a sociabilidade propondo uma visão alternativa na qual a mulher não seja apenas como residual, mas revele vozes femininas sobre a história dessas sociedades. Diversas reflexões avançam dando voz às mulheres para falar sobre sexo, trabalho, diferenças. A meta é visibilizar a experiência feminina e combater os efeitos das representações estereotipadas.

Buscamos observar como as jovens entendem e elaboram suas ações na sociedade indígena, inserida numa história colonial marcada por relações tradicionais que atribui à mulher funções de esposa e mãe, limitada aos espaços domésticos e submetidas ao controle dos homens.

Se as políticas de colonização e desenvolvimento, ao longo dos séculos, atingem os povos indígenas, levando-os a enfrentar diversos desafios para a sobrevivência e reordenação social e cultural, elas atingem, de forma mais contundente, as mulheres que, mesmo participando nas lutas pela terra e movimentos sociais, enfrentam preconceitos baseados na assimetria de gênero, encarando um duplo desafio: lutar pela aldeia e decidir sobre suas trajetórias de vida, superando as desigualdades de gênero.

Destacamos o impacto negativos que a obra da transposição trouxe especificamente para as mulheres Truká.

A violência é muito grande... os danos da transposição foram muito grande. Hoje, a cidade de Cabrobó, apesar de estar no Polígono da maconha, tem drogas que não tinha, como o crack. Tem jovens Truká usando crack... trouxe muita gente de fora... teve muita prostituição e meninas se envolvendo com soldados do exército. (Pretinha Pajeú).

No Polígono da Maconha, a maconha é curtida em aguardente (pituconha) e vendida em bares e restaurantes, na esteira da obra chegaram drogas desconhecidas como o crack. Além disso, sucederam-se gravidezes indesejadas, de relações com homens do exército, além de prostituição, deixando evidente o impacto na vida das jovens indígenas.

Entrevistamos as jovens engajadas no movimento indígena e na luta pela educação indígena. Elas assumem múltiplos compromissos e têm um engajamento que inclui viagens e reuniões com representantes de governo e movimento social parceiros.

A OPIT é uma das associações mais atuantes no movimento, com grande efeito simbólico e efetivo na luta pela educação indígena, isso faz com que suas lideranças, na maioria jovens mulheres, tenham um ritmo de vida política intenso e precisem adaptar uma rotina marcada pela atuação pública com a vida privada.

As trajetórias de vida, aqui narradas, permitem elaborar reflexões relativas às representações dos gêneros para os Truká. Percebe-se que ocorrem mudanças nas organizações políticas e no trabalho e isso trouxe mudanças nas atribuições dos papéis sociais e nas relações entre os sexos. Essas narrativas revelam a intimidade das jovens, muitas vezes dolorosa, por esse motivo, decidimos apresentá-las usando nomes de árvores da caatinga, o ambiente no qual vivem.

Marizeira questionada se é melhor ser menina ou menino, responde que prefere ser menina, porque os jovens índios não agem e não se reconhecem como tal, as meninas são mais atuantes e conseguem melhores oportunidades.

Marizeira conta que sua mãe não teve oportunidades porque os pais não permitiram que estudasse. Seu sonho é ser professora ou médica, mas isso requer morar fora porque em Cabrobó só tem o curso de História, Letras etc. Depois de se formar, pretende voltar: *“Quero estudar, quero ser independente. Não quero viver de marido jamais. De jeito nenhum”* (Marizeira).

Para Marizeira, trabalhar na roça não é difícil, mas limita a perspectiva de vida, de alcançar seus sonhos. A independência é prioridade para um futuro não muito distante.

Mas para Barauna, 19 anos, a divisão sexual do trabalho aparece como natural: *“homem vai pra roça, mulher para casa”*. Mesmo naturalizando os papéis de gênero, ela vê o grupo de teatro como a forma de os mais jovens mostrarem aos mais velhos coisas que eles nunca chegaram a ver e perceber dentro da ilha.

Mulungu, 21 anos, trabalha no posto de saúde, pretende fazer faculdade de Libras. Faz curso de informática e quer aprender a tocar violino. Ela e as irmãs ajudam a mãe nas tarefas domésticas, enquanto os meninos trabalham na agricultura.

A divisão de tarefas entre homens e mulheres é constante. Mulungu conhece homens que desempenham atividades domésticas sem reclamar ou ver esse trabalho como algo que comprometa sua masculinidade. Mas a independência das mulheres é um objetivo cada vez mais buscado e alcançado, para isso elas precisam se distanciar do trabalho braçal na agricultura.

É muito difícil, muito raro a mulher trabalhar na agricultura até porque a agricultura tá desaparecendo aqui. Só os homens mesmo que ainda valorizam a agricultura e trabalham na roça. (Mulungu).

Ingazeira, 24 anos, professora indígena, descendente indígena e negra, fala que ser índia significa viver a cultura no dia a dia. Está na luta junto com os mais velhos e fala sobre a importância da mulher:

A mulher tem importância porque, além de ser a maioria, ela busca prover. Porque o que a gente almeja, que a gente quer, a gente consegue... A mulher tem garra, mas a liderança é os homens. (Ingazeira).

A mãe dela completa:

Mas uns dias os homens vão saindo e as mulheres vão entrando. Quem sabe não vou ser uma liderança?

Aroeira, 25 anos, afirma que as oportunidades são oferecidas para meninas e meninos, aqueles que não estudaram foi “*porque gostam de festas e farras*”, como algumas amigas que trocam sexo por dinheiro: “*Eu tenho colegas, são poucas, umas três*”.

Xique xique, 15 anos, estudante, critica a discriminação da comunidade:

Se a gente está sentada com um colega conversando já dizem que a gente tá namorando. A gente se prejudica se for estudar a noite porque não pode, porque vão dizer que a gente está namorando e se a gente tiver conversando já falam.

Xique xique sonha estudar Direito, tornar-se delegada, mas o pai discorda expondo o controle que a figura paterna exerce sobre a família e a interferência nas decisões dos filhos.

Xique xique ressenete-se do fato de não haver outras atividades culturais, apenas a utilização das redes sociais. Para ela, a participação no grupo de teatro possibilitou o melhor desenvolvimento da leitura, o prazer das viagens e a conquista da autoestima: “*uma certa segurança frente a outras pessoas*”.

Xique xique tem o foco no futuro, no trabalho e nos estudos, mas critica o fato de não existir faculdades próximas porque seu desejo é permanecer na região.

Meu sonho é estudar para ser advogada ou delegada, meu pai não quer que eu seja isso. Eu queria fazer engenharia civil, mas é muito puxado porque não tem aqui, teria que ir para Paulo Afonso. Eu prefiro ficar aqui a viajar, fazer faculdade perto da aldeia. (Xique xique)

Ingá, 14 anos, estudante, descreve a rotina e os papéis em casa:

Eu, minha irmã e mãe ficamos em casa. Meu pai e meus irmãos vão para a roça, trabalham, vem para casa, tomam banho, se arrumam e vamos para a escola. Depois a gente divide assim, a mãe faz o almoço, eu e minha irmã, arrumamos a casa.

Quando há muito trabalho, tarefas como colheita de frutas, as mulheres são requisitadas para realizar afazeres “fora de casa”. Já os homens, quando ajudam

em serviços domésticos, escolhem fazer o fogo a lenha. É possível perceber que tarefas domésticas como cozinhar ou limpar a casa não são realizadas por homens, e a recusa seria um “preconceito” da parte deles, Ingá considera uma “ceticice” dos irmãos não ajudarem em casa.

Yucá, 23 anos, afirma que os irmãos são “machistas” e “como tem mulher dentro de casa, elas fazem tudo”. Ela já foi empregada doméstica na cidade e trabalhou na roça carregando arroz. Para ela, através do grupo de teatro, é que conheceu a história dos antepassados.

Bamburral, 23 anos, professora, conta que a mãe dividia as tarefas entre ela e as três irmãs, enquanto o pai e os irmãos iam para a roça, mesmo assim, era normal as mulheres serem chamadas para ajudar no plantio do feijão, arroz, cebola e milho.

Todo mundo participava, ajudava um pouquinho.

Aroeira, 15 anos, morou fora da ilha durante um ano, voltou com a intenção de retornar, mas o pai não permitiu.

Entre os papéis sociais femininos valorizados, estão o de parteira e professora. Angico, 21 anos, professora, conta: “nasci em casa, na ilha de Assunção na aldeia Redenção, com uma parteira que chamo de mãe, aqui no interior o povo costuma chamar de mãe quem ‘pegou’ primeiro”.

Angico faz pós-graduação em língua portuguesa e literatura. Suas memórias das brincadeiras da infância estão marcadas pela separação entre os sexos:

Os meninos sempre brincam separado das meninas. Os homens, de carro e as meninas, de boneca. Só roda a gente brincava junto, de pega, se esconder.

Pretinha conta que, em 1994, foi que seu pai revelou a ela e aos irmãos sobre a identidade indígena. Até então, ela acreditava que os índios só existiam na Amazônia, até ter a primeira participação numa Retomada.

Com o Projeto Escola de Índio, foi possível a população indígena conhecer as tradições e os rituais, foram os professores que serviram como instrumentos da luta pela identidade do povo.

A educação é uma ferramenta, assim como as Retomadas, para reforçar a identidade indígena, as professoras são instrumentos reais na luta pela identidade do povo. (Pretinha).

E acrescenta:

[...] a escola é poder, então ter autonomia das escolas significar dar poder, poder de enfrentar os governantes, poder de se libertar um pouco das coisas que vem prontas e podermos dizer: “não é assim! Para comunidade indígena é diferente. (Pretinha).

Pesquisas na área de gênero (MOORE, 1997; STRATHERN, 1987; KEELER, 1990) demonstram que as sociedades humanas podem possuir variados modelos e representações de relações de gênero, concomitantemente, e não um discurso único sobre os papéis sexuais. Na comunidade Truká, percebemos uma diversidade de modelos e discursos que se interconectam, de forma conflitiva ou negociadora no movimento indígena. As trajetórias de vida permitem ver mudanças sociais e políticas, ao mesmo tempo ressaltam a convivência entre velhos e novos discursos sobre o papel e o lugar da mulher na sociedade.

O padrão predominante na distribuição das atividades entre os sexos mantém o modelo tradicional, mas os papéis ora se invertem, ora se combinam, encontramos famílias em que as mulheres trabalham “no pesado” na roça e homens que cuidam da casa e das crianças em determinadas circunstâncias.

3 UMA LIBERDADE SEXUAL COMPLICADA: “AQUELA ALI NÃO SERVE MAIS PRA NADA!”

A sexualidade dos jovens Truká não difere de maneira significativa da sexualidade vivida pela maioria dos jovens brasileiros, sobretudo no Nordeste rural, onde meninas têm menos liberdade que meninos.

Quando a menina anda a mesma coisa que o menino... vão chamá-la daqueles nomes... vão chamar de vadia. Não vai ter a mesma capacidade que o homem. Porque o homem é mais solto do que as mulheres. As mulheres são mais guardadas, mais preservadas. (Filipe, 14 anos, estudante).

Marizeira exerce várias atividades: é estudante e estagiária, participa do Grupo de Teatro, é vice-coordenadora da Coordenação da Juventude Indígena de Pernambuco (COJIP). Entre orgulhosa e cansada: “Faço teatro, sou missionária, sou catequista”. Quando entrou na puberdade, notou as mudanças como o desenvolvimento do corpo e foi orientada pela mãe. O interesse pelo namoro começou na escola, mas ela não demonstra desejo de namorar e justifica que o namoro traria limites para suas atividades.

Marizeira relata que, no seu círculo de amizade, há meninas que estão “juntas” ou grávidas, são adolescentes que se relacionam entre si e também com adultos jovens. A vida sexual inicia-se cedo, ela se considera uma exceção, embora sofra pressão das amigas.

Quando a vida sexual começa cedo, as meninas engravidam e surgem comentários, mas isso não é visto como situação incomum. A perda da virgindade é vista como algo normal que, não necessariamente, requer vínculo afetivo ou planejamento do futuro; “com os meninos, os pais são mais liberais. (Marizeira).

Sobre o fato de as amigas casarem ou se “juntarem” prematuramente, Marizeira acredita que a precocidade atrapalha os estudos:

Povo daqui é namorador... eu vou fazer 16 anos, nunca tive namorado... para mim o que importa é o estudo, eu coloco na frente de tudo os meus objetivos. Porque eu gosto de viajar, porque faço teatro e a igreja... se eu arrumar um namorado vai empatar alguma coisa. Só quero arrumar namorado quando terminar meus estudos.

Mulungu, passou por muitas mudanças na puberdade:

Comecei a enxergar o mundo diferente, a me interessar pelos meninos, mas não mudou muito porque eu nunca fui muito de namorar, eu não gosto muito... As meninas são mais tímidas e os meninos são mais safados. Aqui mesmo os meninos ficam pegando nas partes das meninas e elas não gostam, eu mesma não gosto disso, mas os meninos não querem namorar sério. (Mulungu)

Os meninos têm vantagens de ser livres para namorar, não ficar falados entre os colegas, enquanto as meninas ficam mal faladas e são criticadas.

É crítica demais! “Aquela não serve mais pra nada!” Os meninos fazem as coisas e são os primeiros que criticam, começam a espalhar, saem falando, ficam apontando o dedo para você. (Mulungu)

Ingazeira, quando fala sobre namoro, usa a comparação que sua mãe faz sobre o passado e o presente, que era muito diferente. Ela faz questão de mencionar que sua mãe “confia em seus passos”.

Os namoros de hoje? Minha mãe fala que era muito diferente antigamente... ficavam distantes, um aqui outro acolá, não podia nem pegar na mão. Hoje eu namoro, sou noiva, saio com meu namorado, vou para casa dele. Acho

que o respeito quem se dá é a pessoa. A gente é que tem que se respeitar. E minha mãe confia muito em mim e eu passo essa confiança. (Ingazeira).

Barauna começou a sair para as festinhas na aldeia, com danças e as bandas, aos 11 anos:

Ah, fui crescendo... também eu não saía muito. Era da escola para casa, as festas com as meninas.

Outra diversão é participar do teatro. Seu sonho é cursar a faculdade, arrumar um emprego e ter uma profissão. Não pretende mudar, quer continuar na aldeia.

Aroeira já teve vários namorados e costuma sair à noite: *“Eu moro com a minha mãe e digo que vou sair, chego no outro dia ou de madrugada”*. Aos 12 anos, namorou com dois rapazes que trabalham nas obras da transposição do rio São Francisco. Ela fala sobre decepções e experiências de assédio que viveu com o cunhado e o padrasto:

O meu cunhado, o marido da irmã que morava em outro estado, tentou uma vez, o marido da minha mãe também tentou [...] o marido da minha mãe quando eu tinha 7 a 8 anos. Já o cunhado, eu já ia fazer 12 anos.

Aroeira não denunciou o ex-marido de sua mãe, e a violência repetiu-se três vezes, até que na última vez, a mãe descobriu.

Para Ingá, a puberdade trouxe a noção da mudança do corpo e o interesse por relacionamentos, teve orientação da madrinha para dúvidas que surgiram. Ela conta que algumas jovens engravidam de rapazes que não fazem parte da comunidade e encontram certa resistência dos familiares. As primeiras relações sexuais também são aceitas, mas com advertências e, geralmente, sem completa aprovação dos pais.

Ingá refere-se à puberdade como um marco, uma separação entre o antes e o depois. Antes da puberdade as brincadeiras eram livres, relacionam-se com os meninos sem nenhuma relutância. Porém, com a puberdade, é exigido das meninas mudança de comportamento, passam a ser reprimidas e pressionadas a respeito de como devem agir com pessoas do sexo masculino, são instruídas sobre o “respeito”, que deve começar na própria postura, deve ser “policida”. Por outro lado, as interações sociais entre as meninas são frequentes e acontecem com grande liberdade.

Xique xique nada sabia sobre a menarca, que aconteceu cedo, aos 10 anos de idade:

Eu comecei a engordar, botar corpo, botar peito. Quando menstruei, não disse a minha mãe porque pensei que era outra coisa. Minha mãe viu as roupas manchadas e me explicou, aí que eu fui entender.

Uma vez iniciada a puberdade, houve uma mudança no comportamento do grupo de amigas, pois algumas começaram a se prostituir. Também aumentaram as responsabilidades familiares, e os estudos ganharam ênfase, porque a educação era o meio de se libertar alcançando a independência financeira.

Xique xique teve os primeiros contatos com o sexo oposto, mas não como namoro ou relação. Ela disse ter “sonhado” em casar-se na igreja, mas que suas perspectivas foram mudando a partir de novas experiências e interações.

Meu sonho era casar com quinze anos, e o medo que eu mais tenho é de engordar porque minha família são todos gordos, mas eu estou bem assim.

Continua:

Hoje as meninas estão mais atiradas para cima dos meninos e tem menina de dez anos, onze anos que namoram e eu fico besta porque no ‘meu tempo’ não era assim. Minha irmã fica falando que só quer namorar, não quer casar, e eu digo que no futuro elas têm que pensar em constituir uma família, casa, emprego... eu quero ter um filho.

Para as meninas, a sexualidade é parte da busca de liberdade e também parte do processo de autoafirmação como mulheres numa sociedade que procura enquadrá-las no universo doméstico e as controla.

Em Cabrobó, índias e não índias vivem numa sociedade patriarcal, machista, onde existe violência contra a mulher, na cidade e na Ilha. Também são comuns famílias separadas, pais que abandonam a casa, mulheres que cuidam de seus filhos sozinhas: *“fazem o serviço do homem e da mulher”*.

Algumas das moças Truká foram impactadas pela presença do contingente do exército, isso aumentou o nível de prostituição como ocorre em contextos social, econômico e cultural vulneráveis.

As índias foram se tocando, pautaram, conversaram e resolveram isso. A gente sempre orientou... as meninas que não eram do movimento não

estavam nem aí... muitas tornaram-se mães solteiras... com HIV... drogas.
(Jurema, professora da OPIT).

4 JUSTIÇA AMBIENTAL: ÁGUAS DO RIO, SANGUE TRUKÁ

Na tentativa de mitigar os conflitos surgidos com a transposição do rio, o governo realizou ações paliativas, como cursos e oficinas sobre meio ambiente, que não obtiveram resultados, pois não são utilizadas pelos profissionais na educação ou na saúde.

Não há políticas voltadas para os jovens, principalmente em temas fundamentais como sexualidade, alcoolismo (cujo meio tem venda proibida nas aldeias) e drogas, embora haja operações policiais nas áreas de cultivo de maconha.

Atuar no teatro possibilitou o envolvimento político dos jovens, tanto que estão criando um grupo voltado para a prática política, uma vez que as lideranças estão envelhecendo e precisam dar continuidade à resistência.

Para os jovens, o entendimento da preservação ambiental passa pelo descarte adequado do lixo na aldeia, a forma de criação de animais domésticos e limpeza do ambiente em que vivem. O entendimento da ecologia contempla a preservação, além do convívio com a natureza.

Tem gente que desmata só por desmatar, e a gente tem que preservar, porque a gente é uma aldeia. Como a gente vai mostrar a cultura que a gente vive se não tem nada para mostrar? (Barauna).

Barauna conta que o grupo de teatro realizou peças sobre o lixo na comunidade como um alerta para a reflexão sobre o tema.

Aqui não é igual na cidade onde passa o caminhão fazendo a coleta de lixo. Daí o pessoal varre e faz o quê? Joga pra lá. Alguns queimam, outros não. E isso afeta a aldeia, o rio, só poluindo o meio ambiente.

Mulungu concorda: *“devia ter coleta de lixo e não tem, mas as lideranças deveriam ver isso e a prefeitura também, mas não ligam”*.

Depois de sete anos de luta, Mulungu acredita que o povo *“acostumou porque tem gente que nem fala mais da transposição”*. Continua:

Mas acho que isso vai prejudicar os índios, não só os índios como o povo da cidade. Muita gente da cidade é a favor da obra porque tem raiva dos

índios e acha que vai prejudicar só aos índios. Quando eu estudava, cheguei a brigar com meninos na escola porque eu detestava quando falavam mal dos índios. Falavam que os índios queriam ser os donos das coisas, queriam mandar no que não era deles. Eu tinha uma professora que odiava os índios porque tomaram as terras dela. Ela olhava pra gente e dizia: “eu tenho ódio dos índios”. Fizemos um abaixo assinado e tiramos ela da escola.

De acordo com Mulungu, as desvantagens da transposição seriam muitas: “esses posseiros criticam os índios, porque a vantagem é que vai ter indenização para os índios... vai ter um lugar certo para ficar só os índios. Essas pessoas que não são índios vão ficar fora. A desvantagem será não morar mais perto do rio, isso é uma desvantagem para a gente porque o rio é um tesouro para a gente, os índios que sempre conviveram aqui, sempre estiveram em contato com a natureza. ”

Porém a conexão entre índio e natureza vai mais além, como explica Maurílio:

Com a transposição do Rio São Francisco, o rio chamado “rio pequeno” poderá sumir. Ela transformará essa perna de rio, deixará de ser rio pequeno e a gente ficará sem essa água. Porque essa água será exatamente a que vai entrar no canal. Então, para nós isso é um grande impacto por causa dos encantos de luz. É muito fácil dizer: ‘Vocês agora vão ter que sair de Assunção, vão ter que ir para outro lugar’. Mas não sabem que é isso que faz a gente permanecer na luta, acreditar na própria luta por causa dos Encantos de Luz, porque sabemos que se a gente sair daqui, se a gente mudar, o Encanto não se muda. Então a gente sofre por isso. Podem tirar, podemos sair daqui para outro lugar, mas o Encanto permanece no território. Um território com sabedoria. Então se a gente perde a água com a transposição, essa água que chamamos de rio pequeno, perderemos o Encanto. Ele deixa de existir. Para nós o Encanto é aquilo que a gente vive. Aquilo que dá bom resultado para nós: as águas. As águas do Velho Chico são encantadas pra nós, elas têm poder. É muito fácil ir para lá e não ser mais índio. Que ligação terei com a sabedoria da minha terra, do meu povo? Qual a sabedoria que eu terei dos meus antepassados? Que raiz em mim brotará? Raízes novas. A gente perderá de qualquer maneira. Nós podemos sair, como qualquer povo, para outro lugar, mas o Encanto não. E não é só a transposição, também pensam em fazer uma usina nuclear perto da gente e isso incomoda muito, isso nos afeta, além de afetar a mãe natureza, nos afeta profundamente. Porque a gente zela, cuida, pensa na sobrevivência, pois é de onde nós tiramos nosso pão de cada dia, é onde nossos mais velhos pescam, onde nossos pais molham a terra, a plantação com aquilo, com aquela beleza. Talvez a gente deixasse até de existir se fizerem isso. Se tiram as águas da

gente, daqui há pouco dirão: ‘_Ah, mas não vai tirar tudo’. O São Francisco, olhando pro rio pequeno, fazer uma barragem, vão transportar ele, então vai ser muito difícil pra gente. Se o poder público pensasse na revitalização do rio São Francisco, para depois pensar na transposição... Porque até hoje temos pessoas muito iludidas: ‘Ah, que a água vai passar no meu terreno e que eu vou ter direito à água’. Se engana, não vai passar coisa alguma. Vai lá ver se a torneira dele consegue pingar uma vez ao dia. Porque essa obra é para grandes empreendimentos, para outras coisas, é uma máfia, melhor dizendo. Porque esse pessoal nunca morreu de sede, os que estão nos estados da Paraíba, do Piauí nunca tiveram ligação com o rio. E aí entra um governo e acha que está fazendo uma melhoria, mas não está. Quando terminar, se sair a transposição, se sair água e tiver um morador na caatinga e ele vir que seu animal precisa de água, sua família precisa de água para plantar e ele ver que não consegue, isso vira guerra. Ora, ver a água passar no terreiro de sua casa e saber que não pode pegar aquela água para beber, para dar ao animal, para plantar. Porque a finalidade do governo não é o sertanejo plantar. Tem um outro pensar. Tem tanta gente de comunidades que pensa que vai chegar água pra eles. A gente ficaria feliz se chegasse água para essas pessoas, mas, ao contrário, isso será um sofrimento. Para nós é como se tirasse uma criança do peito da mãe. Estão tirando a água e a gente prejudica toda vivência dos Encantados de Luz. Podemos ser índios em qualquer lugar, mas aí nós perdemos um pouco a nossa força, perdermos nosso espírito de lutador, de guerreiro porque talvez os encantos não possam nos acompanhar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A juventude Truká faz sua aparição na cena política em 2007. A partir desse momento, sentiu a necessidade de criar um movimento coletivo que permitisse construir uma identidade indígena diretamente ligada à terra, à natureza, ao sobrenatural e ao rio.

Primeiramente, tiveram que convencer “os mais velhos” que possuíam uma sabedoria, e assim, todo o povo passou a acreditar na juventude.

Podemos observar que, para os jovens Truká, ser índio baseia-se no respeito à natureza e que, o processo de construção dessa identidade adquiriu uma conotação política. Para eles, a transposição do São Francisco representa uma violência porque está “levando”, “tomando” e “dividindo” o rio. Os jovens estão conscientes do impacto das obras sobre as aldeias e os habitantes, por isso são

contrários, embora lutem para que as promessas de melhoria feitas para seu povo sejam cumpridas. É pela atuação no teatro que exprimem seus anseios.

Tanto a percepção de suas especificidades culturais, quanto o desejo de preservá-las é resultado do esforço da OJIT e da participação nos grupos de professores e do teatro.

Para as moças, fica a tarefa árdua de conquistar espaço nas lideranças, onde já são a maioria, e de romper com os padrões tradicionais de gênero que limitam sua participação política e comunitária, porque não desejam permanecer no segundo plano.

Entre conflitos e negociações, vai se desenrolando a convivência entre os mais velhos e os jovens, entre os homens e as mulheres, novos personagens são forjados, novas lutas e novas demandas surgem tentando superar as desigualdades entre os gêneros e as gerações.

“Caretice”, preconceito, machismo, atraso, é como elas descrevem as atitudes dos rapazes, ainda predominante nas aldeias. Contudo os papéis de gênero e as relações entre os sexos começam a se transformar, ainda bem devagar, a fim de superar as assimetrias que tanto incomodam as jovens protagonistas. Atribuímos a sua participação ativa no movimento das Retomadas, contra a transposição e na luta pela manutenção da sua cultural, por meio do grupo de teatro, uma das razões para essa mudança.

Percebemos que elas possuem uma visão positiva sobre si mesmas, acreditam ter mais chances e oportunidades porque sabem lutar por isso, no seu cotidiano intenso, dividido em múltiplas atividades. O desejo recorrente é ampliar os horizontes por meio do estudo fora das aldeias, mas retornar à comunidade para atuar como profissional. Tal qual as moças da cidade, almejam independência e profissionalização, sem desejar romper com o local e a comunidade de origem, porque reconhecem e preservam sua condição de Truká e lutam por mantê-la. Querem ser mulheres Truká, mas sem as limitações ou amarras do passado tradicional. Elas têm tudo para conquistar esse objetivo. Melhor seria se houvesse políticas voltadas para a juventude que impulsionassem toda essa energia na direção da inovação, dando vazão à criatividade das novas gerações. Lamentavelmente, não há.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Mércia Rejane Rangel. *Descobrimdo e recebendo heranças: as lideranças Truká*. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, 2005.

GARCIA, L.; WANDERLEY, M. M.; GIOVANNINI Jr., O. *From enchanted waters to the waters of illusion: the transposition case of the São Francisco River*. Rockville: Global South Press, 2017.

KEELER, Ward. Speaking of Gender in Java. In: ATKINSON, Jane; ERRINGTON, Shelly (Ed.) *Power and difference: gender in Island Southeast Asia*. Stanford: Stanford University Press, 1990.

LASMAR, Cristiane. Mulheres indígenas: representações. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 7, n. 1, 1999.

MOORE, Henrietta. Understanding sex and gender. In: INGOLD, Tim. (Ed.) *Companion encyclopedia of Anthropology*. Londres: Routledge, 1997.

ORGANIZAÇÃO DOS PROFESSORES INDÍGENAS TRUKÁ (OPIT). *No reino da Assunção, reina Truká*. Belo Horizonte: FALE/UFMG; SECAD/MEC, 2007.

STRATHERN, Marilyn. *Dealing with inequality: analyzing gender relations in Melanesia and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

TAUSSIG, Michel. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1993.

Sobre a autora:

Loreley Gomes Garcia: Doutora em Sociologia. Professora Titular da Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais (PPGS/UFPB). **E-mail:** loreleygg@gmail.com

Recebido em 17 de março de 2018

Aprovado para publicação em 14 de junho de 2018